

Alex Cerveny
Cláudia Saldanha

No início dos anos sessenta surge na Europa uma reação a hegemonia de movimentos como o expressionismo abstrato, o informalismo, o Pop americano e o Novo Realismo francês. Assiste-se a uma complexa trama de tendências coletivas e de opções individuais no âmbito das artes plásticas. A defesa de uma pintura narrativa, de conteúdos e de uma nova figuração evidencia-se em algumas exposições como *Mythologies Quotidiennes* no Museu de Arte Moderna de Paris, em 1964. Na Inglaterra, paralelamente a respostas individuais como a de Francis Bacon, surge a escola figurativa britânica com nomes como Lucien Freud, Alex Katz e Leon Kossoff, entre outros. Seguem-se outras exposições também de grande importância como *La Figuration Narrative dans l'Art Contemporain*, em Paris, em 1965. O crítico francês G. Gassiot Talabot defendia então a figuração narrativa como “um método de apropriação global da realidade, submetendo-a a seu próprio modo de decifração”.

A nova figuração, posterior ao informalismo (que gerou artistas como Jean Dubuffet e Alberto Giacometti, o mais radical dos escultores informais), não só aproveitou-se de muitos dos seus recursos mas também valeu-se da subjetividade do artista e de sua presença ativa no mundo dos objetos. Ao transformá-los, metamorfoseá-los e deformá-los o artista tinha como objetivo projetar o mundo do sujeito e do espiritual nesses objetos.

De ordem mais ideológica do que estética, a figuração narrativa aparecia então na Europa como uma alternativa para aqueles artistas que não viam mais sentido numa arte criada em torno dela mesma - uma arte que encontrou sua expressão mais forte em movimentos como o minimalismo e a arte conceitual. Nos anos oitenta vimos surgir na Alemanha uma nova sensibilidade pictórica caracterizada por gestos expressionistas que reivindicavam uma subjetividade do artista, uma sensualidade e um hedonismo no ato de pintar, assim como por citações ao passado. Artistas como A. R. Penk, Sigmar Polke e Georg Baseitz, precedidos por Balthus, mostravam em sua obra uma necessidade de falar de si mesmos, de valorizar a privacidade.

No Brasil esta retomada da figuração encontrou, nos anos oitenta, o interesse de artistas como Roberto Magalhães, Victor Arruda e, mais recentemente, José Leonilson e Alex Cerveny. Diferente dos anos oitenta, quando o prazer de pintar resultava em gestos ampliados e obras de grande porte, os artistas dos anos noventa mostram-se mais preocupados com aspectos de uma narrativa intimista e retomam o papel como suporte privilegiado.

Na obra de Alex Cerveny notamos a narração como processo de metamorfose. O que conta é a transformação de um objeto em outro. Aquarelas, pinturas e pequenas esculturas em bronze, longe de serem apreendidas de uma só vez, convidam o espectador a seguir as indicações do artista e a vagar o olhar sobre suas superfícies.

Imagens do cotidiano do artista, ícones do universo televisivo, modelos que revelam uma predileção por contos de Lewis Carrol, Andersen ou irmãos Grimm justapõem-se num mesmo campo visual. Animais, guerreiros e profetas, almas ressuscitando no Vale de Josafá e jatos passando sobre blocos de apartamentos convivem na mesma tela e criam uma intrincada alegoria. Referências a um passado circense do artista que durante alguns anos encarnou o personagem Elvis, o homem elástico, estão contidas na repetição de figuras retorcidas - um misto de prazer e dor, adaptação e talento - e associadas a outras formas de arte. Vinhetas, molduras - ornamentos quase religiosos -

exigem, pela quantidade de detalhes, um momento para a contemplação e nos fazem lembrar as iluminuras da Renascença.

Não há ilusão, recursos visuais ou efeitos pictóricos. O que o artista propõe é uma viagem, um vôo rasante sobre sua própria história repleta de referências pessoais. Deste modo letras da bossa-nova e marchas de carnaval, manuscritas sobre alguns desenhos, nos transportam pelo tempo e criam um ambiente onde a informação multifacetada está presente.

Vale destacar a influência da linguagem televisiva que permeia a obra de Alex Cerveny como um persuasivo sistema de distribuição de imagens e palavras. O artista busca nas telenovelas, nos noticiários ou nos desenhos animados referências estéticas para seu trabalho. Seleciona seu vocabulário e o submete à sua experiência visual e ao seu próprio modo de decifração da realidade, evocando assim a relação entre fatos cotidianos e mitologias deles derivadas.

Como poucos artistas, Alex Cerveny imprime aos seus desenhos, telas e esculturas um impressionante jogo de correspondências entre personagens e objetos, envolvendo o espectador em enigmas e descobertas. Nesse campo lúdico abre mão de agendas poéticas e compromissos estéticos e revela a irreverência de um espírito as vezes jovem e irônico outras vezes torturado e trágico.